**ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DO DISCURSO DA DEPRESSÃO**

**Ana Luiza Palácio de Morais Soares**

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

ana.soares03@alunounifametro.edu.br

**Caroline de Sousa Morais**

Discente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

caroline.morais@alunounifametro.edu.br

**Marcus Kleredis Monteiro Vieira**

Docente - Centro Universitário Fametro - Unifametro

marcus.vieira@professor.unifametro.edu.br

**Área Temática: Processo de Cuidar**

**Encontro Científico: IX Encontro de Iniciação à Pesquisa**

**RESUMO**

O presente trabalho possui como foco a análise epistemológica da depressão enquanto categoria teórica, levando em consideração a sua origem dentro do âmbito psiquiátrico norte-americano de viés organicista. A partir de uma revisão bibliográfica exploratória acerca do tema, objetiva-se promover reflexão sobre o aumento dos casos diagnosticados da depressão atualmente, correlacionando-o com a adesão do discurso psiquiátrico na classificação e definição das psicopatologias atuais- em especial o transtorno depressivo. Ao concluir, são levantadas hipóteses acerca do aumento de diagnósticos de depressão, como os aspectos psicossociais que produzem formas de sofrimento que se encaixam com a denominação “depressão”, o caráter identificatório com o transtorno gerando uma espécie de contágio social e uma maior tendência de profissionais da saúde mental em aderir à tal classificação devido à hegemonia discursiva.

**Palavras-Chave:** Depressão; Discurso Psiquiátrico; Epistemologia.

**INTRODUÇÃO**

De acordo com o estudo divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2001, cerca de 121 milhões de pessoas eram afetadas pela depressão, equivalendo a algo próximo de 2% da população mundial. No ano de 2020, o número de casos do transtorno aumentou, chegando a mais de 300 milhões de diagnósticos.

O aumento do número de diagnósticos é patente. Considerando o fato, este trabalho recusa o adesismo, sobretudo para psicólogos, à compreensão da depressão como “fato psíquico” natural e deslocado de fatores sociais etiológicos e discursivos implicados nos dados epidemiológicos. O adesismo aqui referido deve-se, em grande medida, à maciça presença no senso comum e mesmo no campo das profissões “psi” do discurso psiquiátrico-descritivo de viés organicista. Nessa perspectiva, para além de um pretenso naturalismo etiológico organicista, circunscreve-se aqui o tema “depressão” às suas dimensões discursivo-epistemológicas. Dito isso, nosso trabalho visa responder as seguintes perguntas: como a categoria nosográfica da depressão foi construída no discurso em questão? Considerando para além da visão psiquiátrica, quais aspectos sociais podem influenciar no aumento do número de diagnósticos?

**METODOLOGIA**

Adota-se aqui o procedimento exploratório de pesquisa bibliográfica. Segundo Gil (2008), essa perspectiva metodológica visa “proporcionar maior familiaridade com o problema” e permite ao autor maior autonomia no percurso metodológico adotado.

Vale destacar que este trabalho é produto de um grupo de estudos composto por 5 alunos do curso de psicologia e um professor-coordenador, que iniciaram o percurso de exploração do tema recentemente. Partindo do livro de Dunker (2021), intitulado “Uma Biografia da Depressão”, desenvolveu-se o interesse pela depressão enquanto categoria teórica que exigiu o aprofundamento da leitura em autor referência na abordagem do tema. Iniciou-se a leitura, ainda em curso, do livro “Nuestro Futuro Psiquiátrico” (Rose, 2020). Nessa leitura, aspectos epistemológicos, políticos, sociais e econômicos implicados na forma de sofrimento psíquico denominada depressão apontaram a necessidade de obras pontuais, desta feita, artigos científicos.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A depressão hoje conhecida como “mal do século” certamente não é algo novo. Antes de ser inserida nos discursos médico, científico e psicopatológico, as formas de sofrimento psíquico chamadas hoje de “depressão” já possuíram outros nomes ao decorrer da história, como “melancolia”, “tristeza” ou “banzo”. Essas nomenclaturas refletem o contexto histórico, social e cultural de cada sociedade as quais são empregadas e, também, a suas respectivas visões acerca do sofrimento psíquico.

Christian Dunker, em “Uma Biografia da Depressão” (2021), apresenta que Aristóteles apontou a melancolia como estando presente nos homens mais excepcionais nas poesias, na política, na arte e na filosofia. Diferentemente da depressão enquanto doença psiquiátrica crônica, a melancolia diz respeito a um páthos, ou seja, um “algo que acontece”, um estado que acomete tanto o corpo quanto a alma. O páthos é adotado como uma potencialidade em conflito, uma disposição afetiva fundamental, uma condição de sofrimento sem viés biomédico. (Dunker, 2021)

Hipócrates, já apontando uma causalidade orgânica, contribuiu com a Teoria dos Humores, trazendo um entendimento do estado de saúde a partir de quatro humores (sanguíneo, fleumático, bile amarela e bile negra) que quando desequilibrados, levariam o ser a enfermidade. Destacando-se o fenômeno da bile negra, aqueles que possuíam um excesso desse líquido eram chamados melancólicos, caracterizados pela inclinação artística, tristeza, medo e introversão. (Rezende, 2009)

Comparando a melancolia e a depressão, tem-se duas perspectivas epistêmicas distintas, mas ao mesmo tempo similares acerca dos fenômenos inerentes ao sofrimento psíquico. A melancolia pode aparecer como um páthos, a partir da visão aristotélica, ou como uma doença do corpo, de acordo com a teoria humoral de Hipócrates. A depressão, segundo a psiquiatria descritiva, também possui duas vertentes semelhantes, uma de teor quantitativo enquanto baixa produção de serotonina no cérebro, e outra de proporção qualitativa a partir de causas psicológicas.

Com o avanço da história apareceram outros nomes além da melancolia para denominar o sofrimento psíquico. No período colonial brasileiro foram registrados casos de um tipo específico de comportamento dos africanos escravizados chamada “banzo, que hoje se identificaria bastante com o que chamamos de depressão.

Na época, o “banzo” era relatado como uma forma passiva de suicídio, ou seja, os sujeitos se recusavam a comer e, com isso, chegavam a “morrer de tristeza” e inanição, quando não ocorriam casos de suicídio por afogamento, enforcamento ou ingestão de terra. (Haag, 2010). Curiosamente, o conceito de “Banzo” deve sua origem a uma formulação europeia sobre a nostalgia como uma doença causada pela exacerbação do sentimento de saudades da África, ressentimentos por castigos injustos e perda da perspectiva de vida causada pelo trabalho forçado.

A melancolia dos negros escravizados seria uma indisposição por se estar ausente do lar que se transformava em enfermidade mortal, o mal-estar negro. Mesmo após 133 anos de abolição da escravidão no Brasil, o racismo ainda é um determinante resistente contra a saúde mental da população negra, tomando como algo real, uma doença um pouco misteriosa, mas que ainda não se enquadra como uma devida problematização.

O discurso psiquiátrico, reproduzindo o modelo epistemológico das ciências naturais, possuiu um viés cientificista naturalista, tendo como embasamento teórico a biologia e as neurociências. A categoria diagnóstica dos transtornos mentais possui como base material causal supostos desequilíbrios químicos no cérebro, indicando condições biologicamente adquiridas. Dessa forma, o DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais), atualmente em sua quinta edição, foi criado com o intuito de validar e mapear os que foram classificados como transtornos ou doenças mentais, fundamentando, ao menos pretensamente, o diagnóstico médico e, até mesmo, o psicológico.

Segundo Renata Guarido (2007), o aumento de casos diagnosticados de depressão está correlacionado com a hipótese bioquímica causal que, por meio do uso da medicalização, facilita a adesão ao diagnóstico, validando-o a partir dos seus efeitos quase que imediatos e orgânicos (Guarido, 2007). O viés médico está presente até na própria perspectiva de viver, onde quase toda tristeza torna-se uma depressão em potencial para o sujeito em sofrimento (Aguiar, 2004). Isso se dá pelas alardeadas e questionáveis objetividade e universalidade na relação entre o sujeito e as suas formas de sofrer, que são defendidas pelo modelo psiquiátrico a partir da observação quantitativa dos sinais e sintomas.

De acordo com Nikolas Rose (2020), a psiquiatria não só interpreta e trata, mas define e delimita. Isso se aplica desde a maneira como o diagnóstico é feito e tratado pelo profissional, até a forma como o sujeito se vê e se delimita diante do mundo e suas dificuldades. É com essa migração da psicopatologia, saindo do campo científico para o popular, que se tem a depressão e seus sinais como forma de identificação consigo e com o outro, criando, assim, uma espécie de “rede de contágio” dos transtornos mentais. (Rose, 2020)

A adesão popular ao discurso médico apontada por Rose constrói uma dependência da fala desses especialistas na denominação do que é considerado normal ou desviante, chegando a tornar a própria definição do que é patológico, um motivo para o adoecimento. O viés naturalista que sustenta as hipóteses psiquiátricas acerca da depressão ignora os fatores sociais e subjetivos do sofrimento psíquico, tornando a categoria diagnóstica universalizada, portanto, mais rápida e simplificada. Esse imediatismo diagnostico apoia-se em uma perspectiva industrial de produção e consumo onde cada segundo é ouro (“time is Money”) e todos aqueles que não atingem o padrão de produtividade imposto precisam ser identificados e tratados da maneira mais instantânea possível para que não haja prejuízos.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer da discussão apresentada no trabalho em questão, apresentou-se a depressão não apenas como categoria diagnóstica, mas como uma categoria conceitual, construída e mantida por meio do discurso psiquiátrico de cunho organicista. Tratar da depressão enquanto patologia, classificada e tratada a partir do olhar médico quase como uma doença do corpo, possui grande importância no caráter epidemiológico do dito transtorno.

Levar a depressão mais como uma maneira única de nomear o sofrimento psíquico e menos como uma baixa quantidade de serotonina no cérebro, auxilia, de certa forma, a tornar aqueles que são chamados de depressivos em sujeitos comuns que sofrem, mas que precisam de ajuda para lidar com ele. O sofrimento é inerente ao homem e à vida, sendo impossível de desassociá-lo da existência. Portanto, todo aquele que se atreve a viver sofre.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho se propõe a abrir uma ampla discussão acerca da temática da depressão, mantendo um olhar crítico e ao mesmo tempo sensível sobre o tema, visando proporcionar reflexões, permitindo que essa temática continue sendo explorada a fim de trazer novas perspectivas acerca das mais diversas formas de ver e lidar com o sofrimento psíquico.

**REFERÊNCIAS**

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Aguiar, A. A. (2004). A psiquiatria no divã: Entre as ciências da vida e a medicalização da sociedade. Rio de Janeiro : Relume Dumará.

Dunker, C. (2021). Uma Biografia da Depressão . São Paulo : Planeta do Brasil .

Guarido, R. (2007). A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na educação. São Paulo: Educação e pesquisa - USP.

Haag, C. (2010). A saudade que mata . Revista Pesquisa FAPESP.

Rezende, J. M. (2009). À sombra do plátano: crônicas de história da medicina. Em J. M. Rezende, Dos quatro humores às quatro bases (pp. 49-53). São Paulo: Unifesp .

Rose, N. (2020). Nuestro futuro psiquiátrico: las políticas de la salud mental . Madrid: Ediciones Morata .